

“Foi como se a gente tivesse visto a morte”: estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade¹

"It was as if we had seen the death": stigmatization, psychic suffering and homosexuality

"Fue como si hubiéramos visto la muerte": estigmatización, sufrimiento psíquico y homosexualidad

Luís Felipe Rios*

Universidade Federal de Pernambuco [UFPE] – Bra.

Vera Silvia Facciolla Paiva**

Universidade de São Paulo [USP] – Bra.

Sandra Brignol***

Universidade Federal Fluminense [UFF] – Bra.

Djair Lourenço de Albuquerque Junior****

Universidade Federal de Pernambuco [UFPE] – Bra.

Matheus Luiz Silva dos Santos*****

Universidade Federal de Pernambuco [UFPE] – Bra.

RESUMO

O texto discute a relação entre estilos corporais, estigmatização e sofrimento psíquico de homens com práticas homossexuais da Região Metropolitana do Recife. Analisa dados de pesquisa etnográfica realizada por meio de observação participante, entrevistas e inquérito comportamental. Entre os participantes do estudo (380), respectivamente, 32,9% e 57,1% afirmaram terem sofrido violência e discriminação por orientação sexual alguma vez na vida. Dois em cada três homens relataram sofrimento psíquico no último ano. Os homens com estilo corporal másculo sofrem menos violência, discriminação e sofrimento psíquico que os de estilo efeminado, apontando a importância do sistema de sexo-gênero para a estigmatização.

Palavras-chave: Homossexualidade. Homens. Estigmatização. Sofrimento psíquico. Gênero.

ABSTRACT

The text discusses the relation between body styles, stigmatization and psychic suffering which affects men with homosexual practices in the Metropolitan Region of Recife. It analyzes data of an ethnographic research, which were collected through participant observation, interviews and behavioral survey. Among participants in the survey (380), respectively, 32.9% and 57.1% reported that had already suffered sexual orientation violence and discrimination in their lifetime. About two-thirds of participants reported psychic suffering in the last year. Men with masculine body styles experienced less violence, discrimination and psychological suffering than the effeminate. It points out to the importance of the sex-gender system for stigmatization.

Keywords: Homosexuality. Men. Stigmatization. Psychic suffering. Gender.

RESUMEN

El texto discute la relación entre estilos corporales, estigmatización y sufrimiento psíquico que afecta hombres con prácticas homosexuales en la Región Metropolitana de Recife. Analiza los datos de una investigación etnográfica, que se recopilaron a través de observación participante, entrevistas y encuesta. Entre los participantes de la encuesta (380), respectivamente, el 32.9% y el 57.1%, informaron que ya habían sufrido violencia y discriminación

¹ A pesquisa que originou o artigo teve apoio do CNPq (Processos 405259/2012-3, 470088/2013-3, 305136/2014-3), dos Programas de Bolsa de Iniciação Científica da UFPE/CNPq e da FACEPE, e do Instituto de Psicologia da USP (pós-doutorado, processo 2016.1.1087.47.6).

por orientación sexual en sus vidas. Alrededor de dos tercios de los participantes informaron sufrimiento psíquico en el último año. Los hombres con estilos corporales masculinos experimentaron menos violencia, discriminación y sufrimiento psicológico que los afeminados. Esto apunta a la importancia del sistema sexo-género para la estigmatización.

Palabras-clave: Homossexualidad. Hombres. Estigmatización. Sufrimiento psíquico. Género.

Introdução

O artigo discute a relevância de estilos corporais categorizados por gênero na configuração de experiências de violência, discriminação e sofrimento psíquico de homens que fazem sexo com homens (HSH). Durante boa parte do século 20 a homossexualidade foi socialmente considerada uma patologia sexual, desvio moral e pecado da carne. Em 1973, a Associação de Psiquiatria Americana (APA) retirou a homossexualidade da *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, second edition (DSMII)*.

Conforme, Drescher (2015) um processo marcado por muitos embates acadêmicos sobre as concepções vigentes, mas que teve um efeito muito positivo para a desestigmatização, dado o peso da ciência para dizer a verdade sobre os fenômenos humanos no mundo moderno. O mesmo ocorreu no Brasil em 1984, quando a Associação Brasileira de Psiquiatria deixou de considerar a homossexualidade como desvio sexual, posição que foi seguida pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) em 1985. Em adição, em 1999 o CFP instituiu a resolução 01/99 (CFP, 1999) que impede psicólogos/as de atuarem na “cura” da homossexualidade.

Desde que foi apresentada, a resolução 01/99 é alvo de muitas críticas de setores conservadores da sociedade. Em 2017, um grupo autointitulado de “psicólogos cristãos” obteve êxito em liminar na justiça federal para revogar parcialmente a resolução 01/99, permitindo que psicólogos realizem terapias de reorientação sexual (SJDF, 2017; ANPEPP, 2017)².

A literatura, por outro lado, tem mostrado que além de não conseguir reorientar a sexualidade, as terapias aumentam os transtornos advindos da estigmatização (APA, 2009; DRECHERM, 2015). Também chama atenção para os altos índices de discriminação, violência e problemas de saúde mental entre homossexuais, quando comparadas às ocorrências entre heterossexuais (JORM et al, 2002; SUSAN et al. 2003; TEIXEIRA-FILHO, RONDINI, 2012; SEFFNER, 2013; SIQUEIRA et al, 2009; SOLIVA, SILVA JUNIOR, 2014; PERUCCHI, BRANDÃO, VIEIRA, 2014). Ainda que vários estudos ressaltem a importância das categorias de gênero (masculino/feminino) para a regulação da vida sexual dos HSH (FRY, 1983; PARKER, 1991 e RIOS et al 2017), esse aspecto não tem sido devidamente abordado em estudos sobre estigmatização e saúde mental com base em análise estatística de inquéritos comportamentais.

Compreendemos a estigmatização como um processo social que transforma diferenças em desigualdades, tomando marcas corporais (reais ou supostas) como sinais de inferioridade, produzindo e legitimando cenas de opressão, deteriorando a imagem que as pessoas estigmatizadas têm de si mesmas (ELIAS, SCOTSON, 2000). Jacoby (1999) propõe que duas dimensões de experiência do estigma pelos afetados sejam consideradas: o estigma efetivado e o estigma sentido. Na primeira a

² Esse é só um exemplo do avanço das forças conservadoras nos vários níveis dos poderes do Estado, que têm sistematicamente impedido a implantação das políticas públicas de combate a homofobia (BRASIL, 2004) e oferta de cuidado em saúde mental da população LGBT (BRASIL, 2013), formuladas com ampla participação social.

discriminação e violência, e na segunda a estigmatização internalizada, a constante expectativa de ser afetado pela estigmatização, que se atualizaria em sofrimento psíquico (PARKER E AGGLETON, 2003; PAIVA, ZUCCHI, 2012).

O estigma, como assinala Goffman (2008), nem sempre é uma marca visível, o que permite a manipulação das identidades para escapar do processo. No caso da homossexualidade essa dinâmica é expressa pela metáfora do "armário", categoria *êmica* utilizada por Sedgwick (2007) para se referir aos paradoxos e contradições do se esconder/se mostrar homossexual.

Gayle Rubin (1993), que localizou a opressão à homossexualidade no sistema de sexo-gênero, enfatiza que ao promover a reprodução biológica e social, o sistema operaria erigindo o tabu da homossexualidade, forjando e naturalizando diferenças e complementaridades entre os sexos, por meio de categorizações de gênero. Mesmo em sociedades em que a homossexualidade é tolerada, as parcerias tenderiam a ser engendradas no mesmo sistema de sexo-gênero, mantendo sua plausibilidade.

Em texto posterior (Rubin,1998), inspirada em Foucault (1993), sublinhou a necessidade de não subsumir o sistema de sexualidade ao de sexo-gênero e insiste em abordar a sua especificidade. Por exemplo: a hierarquia específica do campo da sexualidade define que o sexo reprodutivo, monogâmico, consentido, "baunilha" ocupa o lugar da boa sexualidade, e tudo o que se afaste disso é tomado como anormalidade, imoralidade, crime, perversão. O que não significa deixar de considerar as interferências do sistema de sexo-gênero no de sexualidade - p. e., das mulheres se exige fortemente a monogamia mais que dos homens, e são punidas em quando descumprem a norma. A estigmatização da homossexualidade é expressão dos discursos de verdade em que sexualidade e reprodução deveriam estar atadas para o bem das sociedades. Nesse caminho, Warner (1991) vai sublinhar que as *reprosexualidades* são articuladas em *repronarrativas* que vão além de hierarquizar, proibir e punir a homossexualidade. Enfocando o caráter produtivo dos dispositivos de poder foucaulteanos, propõe o conceito de heteronormatividade³ para analisar a estigmatização da homossexualidade.

A partir dessas reflexões, e considerando o contexto da Região Metropolitana do Recife (RMR), o estudo aqui apresentado buscou responder às seguintes questões: Qual a prevalência das experiências de violência, discriminação e sofrimento psíquico entre homens que fazem sexo com homens? Como lidam com sua socialização nas categorias naturalizadas para definir masculino e feminino? Para operacionalizar as questões abordadas no estudo, utilizamos a noção de "estilos corporais", compreendidos como composições sociais, resultados estéticos e de expressividade do agenciamento de elementos corporais (constituição física, gestual, sotaque, vestuário etc).

A análise se ocupou de identificar os estilos em uso nas redes de sociabilidade homossexual e os sentidos (significados, valores, emoções, sentimentos e direcionamentos) que resultam quando alguém é adscrito a um deles (RIOS et al, 2017). Buscamos analisar e discutir as conexões entre classificações de modo de ser e se expressar, indicações do estilo corporal categorizados por gênero,

³ Berlant, Warner (1998: p.548) definem heteronormatividade como "institutions, structures of understanding, and practical orientations that make heterosexuality seem not only coherent (...) but also privileged. (...) It consists less of norms that could be summarized as a body of doctrine than of a sense of rightness produced in contradictory manifestations - often unconscious, immanent to practice or to institutions."

com relatos de violência e de discriminação, que serão tomados como categorias de estigma efetivado, e relatos de se sentir deprimido e razões, expressão de sofrimento psíquico.

Metodologia

A pesquisa se desenvolveu como um estudo etnográfico e foi realizada na RMR, que conta com uma população estimada em quatro milhões de habitantes. Está localizada no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil, que tem em Recife sua capital (IBGE, 2016). Os dados foram coletados por meio de observação participante em espaços de homosociabilidade (2013-2017), 25 entrevistas (2015) e 380 questionários respondidos em inquérito comportamental (2016-2017). Participaram homens que se definiam como fazendo sexo com homens (HSH) com idade variando entre 18 e 51 anos⁴.

As observações tiveram como universo de investigação diferentes espaços de sociabilidade gay da RMR. A escolha dos lugares se deu por conhecimento prévio, uma vez que muitos deles já vinham sendo objeto de estudos realizados por integrantes da equipe. Ao longo da pesquisa, entrevistas e inquérito ajudaram a mapear e incluir outros espaços. As entrevistas tiveram foco biográfico e os homens foram selecionados a partir de contatos estabelecidos durante as observações, ou por rede de relações dos pesquisadores.

Os interlocutores foram convidados a descrever cenas sexuais da infância, juventude e *adulterez*, explorando os seus diversos constituintes (local, tempo, pessoas etc.) (PAIVA, 2013). O inquérito, do tipo corte transversal, teve como foco a vulnerabilidade ao HIV, investigando o perfil sociodemográfico, conhecimentos, atitudes e práticas sobre sexualidade e saúde sexual, e aspectos da sociabilidade dos respondentes. A seleção da amostra utilizou a técnica da referência em cadeia (VALENTE, 2010), em que os participantes indicam outros para colaborar. O recrutamento iniciou com a entrevista de dez homens, residentes em seis dos 14 municípios que compõem a RMR, de modo a promover a ampliação da heterogeneidade de marcações sociais da amostra (raça/cor, escolaridade, renda, posições de gênero etc.).

Para entrevistas e observações, utilizamos a análise temática (BLANCHET, GOTMAN, 1992) identificando categorias *êmicas* utilizadas para engendrar os estilos de gênero e as cenas de estigmatização. Comparar cenas observadas e narradas permitiu aprofundar a compreensão, e chegar a uma Descrição Densa (GEERTZ, 1987) da sociabilidade homossexual. A análise estatística descritiva, bem como a análise exploratória das associações das questões categóricas do questionário foi realizada segundo os fatores de interesse: estilo corporal, violência e discriminação por orientação sexual e sofrimento psíquico – apresentados no quadro 1.

⁴Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (Pareceres 415.805 e 879.645).

Quadro 1 - Resumo dos fatores e questões analisados

Questões		Alternativas
Estilo corporal	Em relação ao seu modo de ser e se expressar , como você se percebe?	Efeminado, másculo; Não sabe; Não quero responder.
Violência	Você já foi vítima de violência por alguma pessoa ou instituição por causa... (múltipla alternativa de resposta)	Sim, por causa de sua cor ou raça; Sim, por falta de dinheiro ou condição financeira; Sim, por causa da idade; Sim, por ser homossexual; Não, nunca fui vítima de violência.
Discriminação	Você já foi vítima de discriminação por alguma pessoa ou instituição por causa... (múltipla alternativa de resposta)	Sim, por causa de sua cor ou raça; Sim, por falta de dinheiro ou condição financeira; Sim, por causa da idade; Sim, por ser homossexual; Não, nunca fui vítima de discriminação.
Sofrimento psíquico	No último ano, houve algum momento que você se sentiu deprimido ?	Sim; Não; Não me lembro; Não quero responder.
	Por qual razão você sentiu deprimido ?	Adoecimento (pessoal ou familiar); Problemas no relacionamento; Stress; Autoestima; Problemas com a orientação sexual; Crise existencial; Transtorno mental; Solidão; Desemprego; Problemas no trabalho/profissão; Problemas familiares; Problemas financeiros; Problemas pessoais; Morte de pessoa próxima; Problemas na faculdade; Outro; Não quero responder.

Fonte: Elaboração própria dos autores

As associações foram analisadas via Teste Exato de Fisher (TEF), a um nível de significância de 0,05, com auxílio do programa Studio (2016). As questões sobre violência e discriminação foram formuladas como de múltiplas alternativas de respostas, transformadas, para análise, em variáveis dicotômicas (sim/não). Para as análises das associações, analisamos a resposta "Sim, por ser homossexual". Para sofrimento psíquico, utilizamos o relato sobre sentir-se deprimido no último ano e uma questão aberta sobre a razão para tal, cujas respostas foram classificadas em 16 categorias, apresentadas no quadro 1⁵. Como violência e discriminação, depressão não foi objeto de definição prévia, consideramos as representações sociais em uso sobre os termos. Das entrevistas, participaram homens de idade variando entre 18 e 38 anos (Quadro 2).

⁵ As respostas classificadas como "problemas de relacionamento" referiam-se a questões sobre a vida amorosa. Em solidão foram classificadas respostas que envolviam a ausência de um parceiro fixo, estar distante de familiares ou falta de amigos, ou apenas o sentimento, não especificando motivos. Em "problemas com a orientação sexual", foram classificadas respostas que mencionavam problemas de aceitação relacionados à homossexualidade. Na maior parte das respostas classificadas como "problemas familiares", a questão da homossexualidade aparecia explícita ou implicitamente – p.e "Por não poder contar a família que é homossexual por medo de ser expulso de casa"; "Não aceitação da família por ser homossexual"; "Problemas familiares". Mantivemos a distinção em relação a orientação sexual, para destacar a centralidade da família no segundo caso. Muitos elencaram mais de uma razão e, para efeito da classificação, utilizamos apenas a primeira mencionada.

Quadro 2 - Caracterização dos participantes das entrevistas biográficas

Nome	Raça	Idade	Ocupação	Estilo
Bacante	Pardo	18	Estudante do ensino médio	<i>Pintosa</i>
Wagner	Preto	18	Cabelereiro e maquiador	<i>Pintosa</i>
Eduardo	Branco	33	Cabelereiro	<i>Pintosa</i>
Herbert	Preto	24	Camareiro	<i>Pintosa</i>
Luan	Branco	29	Vendedor	<i>Pintosa</i>
Marcos	Pardo	19	Soldado/ Universitário	<i>Pintosa</i>
Caio	Preto	23	Soldado	<i>Pintosa</i>
Gilmar	Pardo	22	Universitário	<i>Pintosa</i>
Leo	Pardo	18	Universitário	<i>Pintosa</i>
André	Pardo	21	Universitário	<i>Pintosa</i>
Fernando	Branco	22	Universitário	<i>Pintosa</i>
Márcio	Amarelo	28	Universitário	<i>Pintosa</i>
Antônio	Branco	38	Auxiliar de serviços gerais	<i>Pintosa</i>
Valter	Preto	22	Professor de dança	<i>Pintosa</i>
Apolo	Branco	21	Desempregado	<i>Boy</i>
Matheus	Branco	23	Universitário	<i>Boy</i>
Alejandro	Preto	26	Universitário	<i>Boy</i>
George	Branco	34	Técnico em encaenação	<i>Boy</i>
Manuel	Branco	21	Universitário	<i>Boy</i>
Rodrigo	Branco	23	Universitário	<i>Boy</i>
Tales	Branco	28	Universitário	<i>Boy</i>
Paulo	Branco	21	Entregador/Universitário	<i>Boy</i>
Amaral	Branco	26	Comerciário/superior concluído	<i>Boy</i>
Kaik	Branco	24	Universitário	<i>Boy</i>
Daniel	Branco	18	Universitário	<i>Boy</i>

Fonte: Elaboração própria dos autores

Quatorze eram estudantes universitários e apenas dois trabalhavam formalmente. Os outros assumiam postos de trabalho variados, com baixa remuneração. A classificação de gênero foi realizada pelos entrevistadores a partir dos estilos assumidos corporalmente pelos entrevistados no momento das entrevistas, mediante os sentidos das categorias (descritos nos resultados). Quatorze foram classificados como *pintosas/femininos*, e onze, como *boys/masculinos*. Utilizamos nomes fictícios para guardar o anonimato dos entrevistados.

O perfil sociodemográfico (Tabela 1) dos participantes do inquérito mostra que a maior parte foi composta por negros (65,5%) com idade na faixa de 18 a 24 anos, e média de 24 anos, curso superior (completo ou incompleto) (64,7%), empregado (com ou sem carteira assinada) (47%). A renda média individual foi de R\$ 1.234,80. Em relação a autotranscrição por estilo corporal de gênero, 23,3% dos respondentes afirmaram se perceber másculos, 31,8% efeminados e 44,8% optaram pela alternativa “não sei”.

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico dos participantes do inquérito comportamental

Característica	n	%
Raça/cor		
Branca	95	25,2
Negra	247	65,5
Outras	35	9,4
Total	377	100,0
Faixas de idade		
18-24	263	69,2
25-31	82	21,6
32-38	20	5,3
Acima de 39	15	3,9
Total	380	100,0
Escolaridade		
Fundamental	40	10,5
Médio	94	24,7
Superior	246	64,7
Total	380	100,0
Situação laboral		
Empregado	178	47,0
Empregador/autônomo	24	6,3
Não trabalha	177	46,7
Total	379	100,0
Faixas de renda		
Menos que um salário	123	42,0
Um a dois salários	121	41,3
Mais que dois salários	49	16,7
Total	293	100,0
Estilo corporal		
Efeminado	120	31,8
Másculo	88	23,3
Não sei	169	44,6
Total	377	100,0

Fonte: Elaboração própria dos autores

Resultados

Violência e discriminação

Situações de violência e discriminação foram recorrentemente descritas nas entrevistas biográficas. Das mais sutis, como o afastamento de pessoas por “medo de contágio” (ser percebido como “gay”), às mais agressivas, como espancamentos no ambiente familiar ou em espaços públicos. Nessa linha, Gilmar (“pintosa”) conta sobre o dia em que os tios descobrem sobre a homossexualidade do primo, e o tio tentou matá-lo. “Aí veio o pai dele e tentou arrombar a casa da minha avó, pegar ele. “Foi horrível.”

Além da família, em muitas trajetórias narradas, o estigma matizou as interações nas diferentes instituições, como a escola e o trabalho. Em narrativas como a de Wagner (“pintosa”), a estigmatização atravessa toda a vida: “Já fica mais complicado, no termo de alguém soltar gracinha, de você conseguir emprego, em tudo. (...) a maioria dos gays, a gente tem trejeitos femininos, tipo o modo de falar e tal. Alguns não. Aí, já é mais tranquilo, são mais **discretos**, né?”. Em outro momento da entrevista ele complementa dizendo que até os 15 anos sofria *bullying* no colégio. Ele explica que

“quando a família não sabe, quando você é encubado, como dizem, **qualquer coisa que falam pra lhe afligir, tipo, lhe atinge.** (...). Você tenta **disfarçar** que você é gay, porque você quer que as pessoas [da família] não descubram e a pessoa vai e lhe chama de viadinho, lhe aponta e tal. **Você fica muito mal.**”

Entre os ouvidos no inquérito, 32,9 % (125) relatam ter sofrido violência por orientação sexual. Os percentuais cresceram quando perguntamos se sofriam discriminação, figurando em 57,1% (217) por orientação sexual. Como sinaliza a narrativa de Wagner, há forte conexão entre discriminação ou violência pela orientação sexual e estilos corporais de gênero. Na comunidade *gay* do Recife, os homens masculinos são denominados “*boys*” e os femininos “*pintosas*”. Na maior parte dos relatos sobre o que é ser “*pintosa*”, estes foram seguidos de comentários sobre situações de violência e discriminação.

A “*pinta*” (marca de feminilidade) frequentemente emerge como objeto de correção, desde a infância. “Quando eu era criancinha, eu andava com as mãozinhas muito abertinhas. Aí, minha ama de leite (...) pegava minha mãozinha, fechava assim e dizia ‘ande assim, meu filho’. (...) Então, eu já dava indícios de que era afeminado, né?” (Márcio, “*pintosa*”). Como forma de se proteger, muitos disseram ter aprendido a agenciar, circunstanciamente, elementos concebidos como masculinos e, em contextos homófilos, se apresentar como gostam, processo que nomeiam como “disfarçar”, “camulflar”, “mascarar” ou “usar de maquiagem”.

Sobre isso Marcos (“*pintosa*”) conta que em determinado momento da adolescência ele costumava sair com a irmã, e avalia que era “mais afeminado que o normal”, ao ponto de as pessoas perguntarem se ele era *gay*. “Então, ela (a irmã) ficava um pouco chateada com isso e eu ficava **desconfortável.**” Ele comenta que estava sendo o que gostava de ser, mas “**transparecia**” para as pessoas o lado que ele “deveria esconder” da família. Ele empreende, então, um processo que chama de “**maquiagem**”: “**Então eu me preendi, eu cortei muitos contatos, eu me fechei pra amizades principalmente. Me fechei para o convívio com outras pessoas.** Eu não conversava mais com quase ninguém porque o meu medo era de falar, e falar demais, e acabar mostrando o meu outro lado...” Completa dizendo que acabou por tornar-se a “**maquiagem**” que fez para esconder quem realmente era. No entanto, revela que quando está com amigos é diferente: “porque eu riu, eu me divirto. Quando eu estou entre amigos eu posso ser quem eu sou. Mas o mundo real, aqui fora, com outras pessoas, eu sou totalmente fechado”.

Entretanto, nem todos querem ou conseguem “disfarçar” e permanecem objeto de discriminação e violência. Foi o caso narrado por Bacante⁶ 5 (“*pintosa*”): ele e mais duas amigas (HSH) caminhavam no bairro onde moravam e foram agredidas por cinco rapazes armados com porretes. “E a gente olhou pra trás e disse ‘meu Deus, por que isso?’ Ninguém sabia de nada, a gente só sabia que tinha que correr, porque se a gente não corresse a gente ia sofrer alguma coisa.” Uma das amigas resolveu conversar com os rapazes e foi agredida, enquanto isso, Bacante e a outra amiga tentavam escapar. Os rapazes continuaram a perseguição. “**Foi como se a gente tivesse visto a morte**, porque a gente tentava se esconder mas não conseguia. Aí eles pararam de frente a gente com vários porretes, (...) a gente ficou super em **pânico** (...) eles diziam ‘Mata! Mata! Mata!’”. Elas conseguiram escapar

⁶ O pseudônimo Bacante atende a lógica do apelido da entrevistada: extravagante e remetendo à sexualidade não reprodutiva. Ela foi a mais “*pintosa*” dos entrevistados, transgredindo claramente às normas de sexo-gênero, utilizando-se, a depender de sua vontade, o artigo gramatical, roupas, acessórios e penteados femininos ou masculinos.

se juntado a um grupo de pessoas que saiu de uma das casas. Os jovens prestaram queixa na delegacia, mas também lá foram maltratados. "Eles começaram a rir, falavam coisas irônicas, **a gente se sentiu muito mal, super constrangida** e a gente decidiu nem prestar queixa, a gente teve que ir embora pelo **transtorno** que a gente passou na delegacia."

Embora exista a percepção pelas "pintosas" de que estão em desacordo com as normas sociais e sejam constatemente vítima da estigmatização, a eroticidade deste estilo deve ser compreendida como a modalidade de estética corporea com a qual elas se sentem confortáveis. "Pintosa é aquele que não tá de acordo com as normas sociais. Que é um saco isso. Feito eu, mais ou menos. Eu sou meio pintosa também. **Mas eu gosto, eu me acho legal.**" (Valter, "pintosa")

Já os "boys", por se apresentarem de acordo com o que é esperado para os homens (masculinidade), têm a passabilidade heterossexual, e não são afetados pela violência relacionada ao estilo corporal, recorrente no relato das "pintosas". Explica Valter: "Tem o *gay* que é reservado, que é o mais *boy*. (...) usam roupas que geralmente o público hétero gosta. Geralmente, eles não andam com outros homossexuais que são mais pintosos ou assumidos. Eles andam com héteros ou com gays tipo eles". Daniel ("boy") completa: "Exemplo: Ai, eu falo contigo porque tu é *gay* e não parece ser *gay*(...). Mas, eu não falo com aquele ali porque ele é *gay* e parece ser *gay*! (...) eu tenho medo que alguém pense que, por eu falar com ele eu também sou *gay*. (...) Você fica na sarjeta, num é?"

Mesmo não aparentado serem "gays"(que no olhar da sociedade significa ser um homem efeminado) isso não implica que os "boys" sejam imunes à estigmatização. Nas entrevistas, muitos referiram já ter apresentado um sentimento de desconformidade por não sentirem-se atraídos pelo outro sexo: "Só beijei e **fiquei me sentindo mal, fiquei me sentindo mal, fiquei me sentindo mal!** Porque aquilo era uma novidade pra mim. Aí eu fiquei me sentindo mal. Aí eu passei 2012 naquela, terceiro ano, de **amuado. Não aceitava, não me aceitava!**" (Daniel, "boy"). No caso de Daniel, a chegada na universidade, um ambiente que ele considera tolerante à homossexualidade, contribuiu para se sentir mais confortável com a própria orientação sexual e revelá-la para os novos amigos. "Porra! Aqui é um mundo novo, eu vou começar assim: cada pessoa que eu conhecer agora eu vou contar à pessoa que eu sou gay, porque depois que eu começar a contar à essas pessoas eu vou **criar coragem pra contar** isso pra..." Ainda assim, afirma ter reserva em contar para os conhecidos de infância, por medo de discriminação: "que até hoje eu **não tenho coragem pra contar**, muita gente assim, que eu conheço de infância."

Se a violência é constante para as "pintosas", no caso dos "boys", esta emerge quando as práticas homossexuais são descobertas: "Na infância (...) comecei a ter uma prática de jogos sexuais. (...). Eu fazia isso com outras crianças, não só meninos como também meninas. E daí foi uma vez que eu fui pego pela mãe de um desses meninos (...), contou pro meu pai e foi quando ele bateu bastante em mim. **Foi bem tenso!**" (Manoel, "boy"). No caso de Apolo ("boy"), foi a irmã, sua confidente, que, em uma briga, contou para a mãe. A mãe parece não ter acreditado, mas ficou desconfiada. Em um almoço de domingo, com a família toda reunida ele resolve revelar. "O que poderia ser um domingo feliz, não foi não. Não foi pra ninguém, nem pra mim mesmo. **Foi um certo alívio, claro, contar lá, mas não foi nada legal.** (...) Mainha me expulsou de casa. (...) Passei três meses morando na casa de uma amiga (...). **E foi muito tenso, muito tenso!**"

Os estigmas efetivados (violência e discriminação por orientação sexual) foram analisados em interface com os marcadores sociais, apresentados na tabela 1. Identificamos associações significativas entre

estilo corporal e violência (p=0,004) e discriminação (p=0,000); raça/cor e discriminação (p=0,000) e escolaridade e discriminação (p=0,014) (tabela 2).

Tabela 2 - Estigma efetivado conforme variáveis categóricas

Estilo corporal	Estigma efetivado											
	Violência						Discriminação					
	Não		Sim		Total		Não		Sim		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	N	%
Másculo	67	76,1	21	23,9	88	100,0	54	61,4	34	38,6	88	100,0
Efeminado	67	55,8	53	44,2	120	100,0	32	26,7	88	73,3	120	100,0
Não sei	120	71,0	49	29,0	169	100,0	77	45,6	92	54,4	169	100,0
Total	254	67,4	123	32,6	377	100,0	163	43,2	214	56,8	377	100,0
P valor	0,000						0,004					
Raça	Estigma efetivado											
	Violência						Discriminação					
	Não		Sim		Total		Não		Sim		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	N	%
Branca	58	61,1	37	38,9	95	100,0	25	26,3	70	73,7	95	100,0
Negra	170	68,8	77	31,2	247	100,0	118	47,8	129	52,2	247	100,0
Outras	25	71,4	10	28,6	35	100,0	20	57,1	15	42,9	35	100,0
Total	253	67,1	124	32,9	377	100,0	163	43,2	214	56,8	377	100,0
P valor	0,336						0,000					
Idade	Estigma efetivado											
	Violência						Discriminação					
	Não		Sim		Total		Não		Sim		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	N	%
18-24	182	69,2	81	30,8	263	100,0	104	39,5	159	60,5	263	100,0
25-31	53	64,6	29	35,4	82	100,0	42	51,2	40	48,8	82	100,0
32-38	12	60,0	8	40,0	20	100,0	11	55,0	9	45,0	20	100,0
Acima de 39	8	53,3	7	46,7	15	100,0	6	40,0	9	60,0	15	100,0
Total	255	67,1	125	32,9	380	100,0	163	42,9	217	57,1	380	100,0
P valor	0,454						0,184					
Escolaridade	Estigma efetivado											
	Violência						Discriminação					
	Não		Sim		Total		Não		Sim		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	N	%
Fundamental completo e incompleto	25	62,5	15	37,5	40	100,0	21	52,5	19	47,5	40	100,0
Médio completo	60	63,8	34	36,2	94	100,0	50	53,2	44	46,8	94	100,0
Superior completo e incompleto	170	69,1	76	30,9	246	100,0	92	37,4	154	62,6	246	100,0
Total	225	67,1	125	32,9	380	100,0	163	42,9	217	57,1	380	100,0
P valor	0,491						0,014					
Situação laboral	Estigma efetivado											
	Violência						Discriminação					
	Não		Sim		Total		Não		Sim		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	N	%
Empregado	121	68,0	57	32,0	178	100,0	75	42,1	103	57,9	178	100,0
Empregador/autônomo	11	45,8	13	54,2	24	100,0	9	37,5	15	62,5	24	100,0
Não trabalha	123	69,5	54	30,5	177	100,0	79	44,6	98	55,4	177	100,0
Total	255	67,3	124	32,7	379	100,0	163	43,0	216	57,0	379	100,0
P valor	0,074						0,783					
Renda individual	Estigma efetivado											
	Violência						Discriminação					
	Não		Sim		Total		Não		Sim		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	N	%
Menos que um salário	75	61,0	48	39,0	123	100,0	46	37,4	77	62,6	123	100,0
Um a dois salários	82	67,8	39	32,2	121	100,0	59	48,8	62	51,2	121	100,0
Mais que dois salários	32	65,3	17	34,7	49	100,0	24	49,0	25	51,0	49	100,0
Total	189	64,5	104	35,5	293	100,0	129	44,0	164	56,0	293	100,0
P valor	0,544						0,150					

Fonte: Elaboração própria dos autores

Homens brancos e de nível de escolaridade superior (completa e incompleta) apresentam os maiores percentuais de discriminação. No que se refere ao estilo, observamos que os efeminados apresentam 1,9 vezes mais relatos de violência (44,2%) que os másculos (23,9%) e 1,5 mais vezes (29,0%) dos que não souberam se classificar/"não sei". No caso da discriminação, efeminados (73,3%) sofrem cerca de duas vezes mais que os másculos (38,6%), e 1,35 vezes mais que os "não sei" (54,4%).

Chama atenção o grande percentual de "não sei", que tratamos como uma terceira categoria explorando o que essa forma de (não) se classificar pode significar. Nas duas análises, os percentuais de "não sei" se aproximam mais dos percentuais dos másculos que dos efeminados. No momento da realização desta questão no inquérito, Patrício (nome fictício) comenta que "não sabia" se classificar como efeminado ou másculo, porque de longe, para uma pessoa que não o conheça, seu tipo físico e trejeitos não assinalariam "pinta". No entanto, conversando com ele (sotaque *gay* e gestualidade), uma pessoa poderia classificá-lo como efeminado. Paulão (nome fictício), morador de um bairro popular (um dos contextos da observação participante) e respondente do inquérito, também afirmou "não saber" se classificar. Ele tem namorada e a passabilidade heterossexual ("*boy*") na vizinhança, e do mesmo modo que seus "colegas de esquina", possui a fama de "pegador" (estar sempre disponível e criando oportunidade para ter sexo com as mulheres do bairro). Na ocasião da aplicação do questionário relatou que é profissional do sexo e, ao contar sobre suas aventuras na sauna gay onde "faz programa", passou a se utilizar de sotaque e gestual que, no olhar do entrevistador, remetiam-lhe à categoria "pintosa".

Sofrimento psíquico

As tentativas de esconder a orientação sexual, "usando de maquiagem", "disfarçando", "sendo discreto", "evitando a companhia de pintosas" ou de "conhecidos que desconhecem a orientação sexual", ou ainda as muitas cenas de violência e discriminação narradas se desdobram em sentimentos que sugerem sofrimento psíquico, como os de "desconforto", "constrangimento", "aflição", "ficar amuado", "ficar mal", "não aceitação", "ficar na sarjeta", "covardia". Para identificar a relação entre sofrimento psíquico e estigmatização no inquérito, testamos as associações entre "sentir-se deprimido no último ano", reportado por 67,8% da amostra, e os relatos de violência e de discriminação por orientação sexual, indicações de estigma efetivado. Os que passaram por violência e discriminação reportaram significativamente mais depressão (76,6% / 76,4%) do que os que não passaram (63,5% / 56,4%), como apresenta a tabela 3.

Tabela 3 - Sentir-se deprimido conforme violência e discriminação por orientação sexual

Violência	Sentiu-se deprimido no último ano				Total	
	Sim		Não		n	%
	n	%	n	%	n	%
Não	162	63,5	93	36,5	255	100,0
Sim	95	76,6	29	23,4	124	100,0
Total	257	67,8	122	32,2	379	100,0
P valor	0,014					

Discriminação	Sentiu-se deprimido no último ano				Total	
	Sim		Não		n	%
	n	%	n	%	n	%
Não	92	56,4	71	43,6	163	100,0
Sim	165	76,4	51	23,6	216	100,0
Total	257	67,8	122	32,2	379	100,0
P valor	0,000					

Fonte: Elaboração própria dos autores

Interessados em verificar a associação entre estilo corporal e depressão, e considerando as experiências de violência e de discriminação por orientação sexual, selecionamos apenas os casos que reportaram cada uma delas (tabela 4). Observamos que entre os que sofreram violência, os efeminados (79,2%) e os “não sei” (83,7%) relatam respectivamente 1,6 e 1,7 mais vezes experiências de se sentirem deprimidos que os másculos (50%). Neste caso a associação entre estilo corporal e se sentir deprimido se mostrou significativa ($p = 0,016$). Não identificamos associação significativa entre os estilos corporais e discriminação, mas, ainda assim, é importante sublinhar que “não sei” e efeminados reportam mais episódios de depressão.

Tabela 4 - Sentir-se deprimido conforme estilo corporal, agregado por violência e por discriminação por orientação sexual

Estilo corporal	Se sentiu deprimido nos últimos seis meses?											
	Apenas vítimas de violência						Apenas vítimas de discriminação					
	Sim		Não		Total		Sim		Não		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	N	%	n	%
Másculo	10	50,0	10	50,0	20	100,0	22	66,7	11	33,3	33	100,0
Efeminado	42	79,2	11	20,8	53	100,0	68	77,3	20	22,7	88	100,0
Não sei	41	83,7	8	16,3	49	100,0	72	78,3	20	21,7	92	100,0
Total	93	76,2	29	23,8	122	100,0	162	76,1	51	23,9	213	100,0
<i>P valor</i>	0,016						0,387					

Fonte: Elaboração própria dos autores

No que se refere às razões para depressão, do total de 16 categorias, as que obtiveram maiores contingentes de respostas foram “problemas familiares” (13,7%), “problemas de relacionamento” (18,6%), “solidão” (9,8%) e “problemas com a orientação sexual” (10,3%) –conferir quadro 1 e nota 3. A tabela 5 mostra os resultados das análises das razões para o total de respondentes, para os que sofreram violência e para os que sofreram discriminação por orientação sexual, de acordo com os estilos corporais. Para efeito da análise agrupamos as demais categorias, que passaram a figurar como “outras”.

Tabela 5 - Principais razões para se sentir deprimido por estilos de corporal

Todos os casos*	Razões para se sentir deprimido											
	Probl. Rel.		Solidão		Or. Sexual		Probl. Fam.		Outras		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Másculo	10	23,3	8	18,6	2	4,7	7	16,3	16	37,2	43	100,0
Efeminado	5	7,9	5	7,9	13	20,6	11	17,5	29	46,0	63	100,0
Não sei	23	23,5	7	7,1	6	6,1	10	10,2	52	53,1	98	100,0
Total	38	18,6	20	9,8	21	10,3	28	13,7	97	47,5	204	100,0
P valor	0,004											
Violência	Razões para se sentir deprimido											
	Probl. Rel.		Solidão		Or. Sexual		Probl. Fam.		Outras		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Másculo	1	11,1	3	33,3	1	11,1	2	22,2	2	22,2	9	100,0
Efeminado	1	3,2	1	3,2	7	22,6	5	16,1	17	54,8	31	100,0
Não sei	10	31,3	3	9,4	2	6,3	4	12,5	13	40,6	32	100,0
Total	12	16,7	7	9,7	10	13,9	11	15,3	32	44,4	72	100,0
P valor	0,010											
Discriminação	Razões para se sentir deprimido											
	Probl. Rel.		Solidão		Or. Sexual		Probl. Fam.		Outras		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Másculo	5	23,8	3	14,3	2	9,5	3	14,3	8	38,1	21	100,0
Efeminado	3	5,9	5	9,8	10	19,6	10	19,6	23	45,1	51	100,0
Não sei	19	32,2	5	8,5	2	3,4	6	10,2	27	45,8	59	100,0
Total	27	20,7	13	9,9	14	10,7	19	14,5	58	44,3	131	100,0
P valor	0,008											

*Por limitações computacionais para o uso do TEF, utilizamos do teste qui-quadrado para a tabela de contingência com o total de casos. Selecionando os casos por violência e discriminação por orientação sexual o TEF pode ser utilizado e as associações se mostraram significantes.

Fonte: Elaboração própria dos autores

Considerando o total de respostas, observamos que másculos relatam mais "problemas de relacionamento" (23,3%), "solidão" (18,6%) e "problemas familiares" (16,3%). Os efeminados relataram mais "problemas com a orientação sexual" (20,6%) e "problemas familiares" (17,5%). Os "não sei" relatam mais "problemas de relacionamento" (23,5%) e "problemas familiares" (10,2%). Quando consideramos apenas os másculos que passaram por situação de violência, "solidão" (33,3%) e "problemas familiares" (22,2%) são os mais citados. Não há grandes diferenças de percentuais no que se refere aos motivos mais citados para efeminados e "não sei", considerando os agrupamentos por violência ou por discriminação.

Discussão: estigmatização, disfarce e sofrimento

Nossos resultados reiteram os de outras pesquisas que revelam alta prevalência de discriminação, violência e problemas de saúde mental entre pessoas com práticas homossexuais (JORM et al, 2002; COCHRAN, SULLIVAN, MAYS, 2003; SIQUEIRA et al, 2009; SOLIVA, SILVA JUNIOR, 2014; PERUCCHI, BRANDÃO, VIEIRA, 2014). Cerca de dois, em cada cinco respondentes do inquérito relataram passar por situação violência por orientação sexual; cerca de um, em cada três, passar por situação discriminação por orientação sexual; aproximadamente dois, em cada três, relataram sofrimento psíquico no último ano.

Verificamos que, à semelhança da organização das parcerias sexuais (FRY, 1983; PARKER, 1991; RIOS et al 2017), os estilos corporais operam o sistema de sexo-gênero (RUBIN, 1975) e são centrais na estigmatização. Os homens femininos sofreram cerca de duas vezes mais discriminação e violência

por orientação sexual que os masculinos. As narrativas apontam que a estigmatização das “pintosas” ocorre ao longo de toda a vida, chegando inclusive ao trabalho – como também mostram Siqueira et al (2009). Os homens efeminados apresentam maiores percentuais de sofrimento psíquico que os másculos e as principais razões relatadas, tanto nas narrativas biográficas como no inquérito, são “problemas familiares” e com a “orientação sexual”.

Os “boys” têm a passabilidade heterossexual e não são objetos de tentativas de correção de estilo, mas não são imunes à estigmatização. As narrativas sugerem que, em algum momento da vida, eles apresentam sentimentos de desconformidade por não se sentirem atraídos por pessoas do outro sexo. Também há uma ameaça constante de terem a homossexualidade revelada, por não encenarem completamente as performances implicada na *heteronormatividade* (PARKER, 1991; WARNER, 1993, BERLANT, WARNER, 1998, LANCASTER, 1999; SEFFNER, 2013). Os dilemas narrados pelos “boys” parecem sintonizados com os principais motivos para o sofrimento psíquico dos másculos do inquérito: “problemas de relacionamento”, “solidão” e “problemas familiares”. Nas narrativas, guardar o segredo sobre a orientação sexual da família foi motivo para se afastarem de outros homossexuais, em especial das “pintosas”, e de amigos heterossexuais, o que poderia levar ao sentimento de “solidão”. Em alguns casos, a descoberta de namorarem um homem foi o gatilho para a violência familiar. É possível que alguns “problemas de relacionamento” estejam atrelados aos esforços para não demonstrarem para família a orientação sexual. Essa dinâmica atualiza a epistemologia do armário, como descrita por Sedgwick (2007).

Cerca de dois em cada cinco homens optaram pela alternativa “não sei”, que tratamos como uma terceira categoria, explorando-a na análise. Másculo e efeminado são categorias dicotômicas muito marcadas e o “não sei” pode ter servido como alternativa aos que têm dúvida sobre as suas posições de gênero, ou se percebem mais fluidos. Os percentuais de violência e discriminação por orientação sexual que a categoria obteve, as observações nos cenários de sociabilidade e os fragmentos das entrevistas biográficas, permitem refinar a compreensão da escolha dessa categoria. A dúvida de Patricio em se classificar e a mudança de performance corporal de Paulão sugerem que efeminado e másculo não são substâncias que diferenciam os seres. Enquanto categorias, elas classificam as configurações resultantes do agenciamento (consciente ou inconsciente) de características (gestual, vestuário, adereços, sotaque, etc.), e podem, a depender de contexto e/ou ponto de vista, ser significadas como um ou outro estilo corporal. Do mesmo modo, como relatam Wagner e Marcos, para se proteger da estigmatização, muitos homens aprendem a “disfarçar”, agenciando circunstancionalmente elementos que configuram masculinidade e, em contextos homófilos, se apresentam como gostam – fenômeno igualmente identificado por Perucchi et al (2014) e Siqueira et al (2009). Assim, sugerimos que a estigmatização em relação aos “não sei” é menor que a relatada pelos efeminados porque, no olhar do outro e/ou enquanto “disfarces” de si mesmos, eles configuram masculinidade hegemônica.

Ao mesmo tempo, parece um contrassenso o surgimento de maiores percentuais de relatos de depressão entre os “não sei” quando comparados aos efeminados, considerando que são menos sujeitos a violência e discriminação que os últimos. As narrativas podem nos ajudar a interpretar o fenômeno. Nos relatos de Wagner, Marcos e Daniel, construir “máscaras” compõe uma série de táticas para se tornarem “discretos” e escaparem da estigmatização. Processo precário, ameaçado pelos que sabem da orientação sexual da pessoa (amigos, familiares e conhecidos), pela própria “pinta” que vez por outra escapa, e pelo engajamento em relacionamentos amorosos. Os motivos mais relatados para depressão pelos “não sei” são “problemas de relacionamento” e “problemas familiares”. Ou seja, manter a invisibilidade da orientação sexual, ou mais amplamente do estigma, tem grandes custos subjetivos (GOFFMAN, 2008; ELIAS, SCOTSON, 2000; JACOBY, 1999; PARKER E AGGLETON, 2003; SEDGWICK, 2007; PAIVA, ZUCCHI, 2012). Nessa linha, Teixeira Filho e Rondini (2012) observaram que adolescentes de ambos os sexos “não heterossexuais” “não assumidos” apresentaram mais

propensão para ideações suicidas que os que assumem identidades sexuais. Assim, se os “não sei” se aproximam dos másculos no que se refere aos efeitos do estigma efetivado, se aproximam dos efeminados no que se refere aos seus efeitos em termos de sofrimentos psíquico. O que reforçaria a interpretação de que os que se classificaram como “não sei” buscam pela “discrição” por meio da “máscara” – o armário de Sedgwick (2007).

Podemos então considerar as quatro categorias que obtiveram maiores frequências de razões para depressão, “problemas com a orientação sexual”, “problemas familiares”, “problemas de relacionamento” e “solidão”, como indicação do estigma sentido, uma vez que, como revelam as análises, estão diretamente relacionadas ao processo mais amplo de estigmatização da homossexualidade. Vale também destacar que muitos dos participantes que não haviam reportado violência e discriminação por orientação sexual relataram depressão e alguns citaram razões violentas ou discriminatórias para o sentimento, sugerindo que o efeito do estigma sentido na produção de sofrimento psíquico vai além do fato de os homens terem passado por cenas de estigma efetivado e/ou que muitas cenas que nós (pesquisadores) interpretamos como discriminação e violência, não são assim interpretadas pelos respondentes. Embora não tenhamos explorado as concepções sobre homossexualidade entre os participantes do inquérito, certamente os valores negativos sobre a imagem da categoria (FOUCAULT, 1993; PARKER, 1991; WARNER, 1993) em contraposição ao humano-ideal socialmente imposto (homem-masculino-heterossexual), são o alimento para o estigma sentido, e contribui para o sofrimento psíquico.

Assim como Soliva, Silva Junior (2014), Perucchi et al (2014), Siqueira et al (2009) e Seffner (2013) queremos destacar o papel da família na estigmatização da homossexualidade. Ela aparece como importante razão de sofrimento para as três categorias de estilo, e esteve presente como fonte de violência e, portanto, objeto privilegiado de “disfarce” para muitos interlocutores das entrevistas biográficas. Embora não tenhamos tido condições de explorar neste texto, com Perucchi et al (2014) vale lembrar da existência de famílias que acolhem os filhos que fogem à heteronormatividade.

Não temos espaço para discutir as associações de discriminação com raça/cor e escolaridade, também significantes na análise estatística. Nossas hipóteses para orientar futuras pesquisas são as de que: 1) O fato de pessoas negras crescerem e serem socializadas para naturalizar sua opressão e assujeitamento, levaria ao não reconhecimento de determinadas situações como discriminação; 2) Na direção contrária, a escolaridade pode servir como ferramenta para promover a reflexão sobre as condições de desigualdade, levando a um aumento na identificação de situações como discriminatórias. Esses elementos poderiam justificar probabilidades de experiência de discriminação menores que contrariaram a nossa expectativas de que negros e pessoas de baixa escolaridade relatariam mais discriminação.

Considerações finais

Nossas análises apontam para a centralidade do sistema de sexo-gênero (RUBIN, 1975) na organização estilística dos homens investigados, que emergem nas personagens *boy*/ másculo, e *pintosa*/efeminado, com fortes implicações nos modos como a sociedade estigmatiza agenciamentos que configuram desregulações de sexo-(sexualidade)-gênero, com desdobramentos em termos de sofrimento psíquico.

Observamos que os “*boys*”, mesmo tendo a passabilidade heterossexual, também são estigmatizados e sofrem. Neste caso, e pela ausência da feminilidade, o sistema de sexualidade (RUBIN, 1998) opera quase que soberano. A heteronormatividade (WARNER, 1991; BERLANT, WARNER, 1998) exige que a epistemologia do armário (SEDGWICK, 2007) se instale e convide não apenas os “*boys*”, mas também os homens efeminados que consigam “se disfarçar”, para tentativas de fugir à efetivação da

estigmatização. Não obstante, os paradoxos que envolvem a “discrição”, os custos para que uns e outros se mantenham “invisíveis” são, como mostramos, muito altos. Os comentários de Miskolci (2007: 61) sobre a dinâmica do “armário”, analisada por Sedgwick (2007), sintetiza muito bem as experiências descritas por boa parte de nossos entrevistados:

O armário é um lugar contraditório ou impossível, pois ninguém pode estar completamente nele nem se beneficiar da decisão de deixá-lo. Não é possível saber até que ponto a pessoa alcançou sucesso em passar por um dos heteros, mesmo que estes a tratem como “se fosse” um deles, pois eles é que podem estar enganando o “enrustido” e fingindo acreditar em suas “mentiras”. Sair dessa situação contraditória também não é uma escolha feita sob o controle de quem “se assume”, pois a decisão sempre será encarada como prematura ou tardia pelos outros.

Miskolci (2007) também chama atenção sobre construções sociais brasileiras que podem interferir no “armário”, dentre as quais a “oposições que reatualizam a velha díade bofe/bicha, ativo másculo versus passivo efeminado” (p. 61). De fato, como sugerem as muitas cenas de violência narradas, o armário praticamente inexistente para os homens efeminados como Bacante.

No Brasil, os múltiplos discursos e suas lógicas próprias são articulados pelos sujeitos, contextualmente e muitas vezes de forma contraditória, para constituir e significar as experiências sexuais dos sujeitos, como discutiu Parker (1991). Não obstante - ele aponta e nossos resultados confirmam - o sistema de sexo-gênero ainda é mais eloquente que o dispositivo de sexualidade.

Na esteira de Lancaster (1999) podemos dizer que a estigmatização da “pintosa” não é residual, nem está fora da heteronormatividade (à brasileira); tampouco podemos remetê-lo simplesmente ao medo ou ódio ao ininteligível. Do mesmo modo como o autor sublinha em relação à Nicarágua, a existência concreta de homens femininos é central para manter o machismo (sistema de sexo-gênero) brasileiro. Assim como o “*cohort*” da Nicarágua, a “pintosa” seria a corporificação da degeneração que a feminilidade/homossexualidade provoca nos corpos dos homens. Elas são sadicamente toleradas para que se possa mostrar aos mais jovens os perigos e ônus (discriminação, violência e sofrimento psíquico) de cruzar as fronteiras de sexo-gênero e são perversamente “ofertadas”, qual bodes expiatórios, como objetos de não-identificação.

Por fim, toda essa reflexão nos leva a concluir que não é por acaso que as investidas das forças conservadoras da sociedade brasileira contemporânea têm como uma de suas estratégias gerar pânico moral sobre tudo que significa avanços na inclusão social digna de pessoas com práticas homossexuais e transgêneros. Avanços que desafiam às *repronarrativas* modernas, fundantes da heteronormatividade (WARNER, 1991) e desestabilizam o tabu da homossexualidade, o qual Rubin (1975) localiza como um dos pilares para a operação (e opressão) do sistema de sexo-gênero.

Podemos então pensar que a liminar da justiça federal (SJDF, 2017) como uma tentativa de destruir um importante dispositivo de mudança social, a resolução 01/99 do CFP (1999), mudança na mesma direção do que se fez em países como EUA, Canadá, França, Inglaterra, entre outros, que visa diminuir o sofrimento mental pelo estigma e a discriminação. Produzida pela Psicologia (no mundo moderno, ciência com legitimidade para falar sobre a verdade das sexualidades), a resolução é potente por situar a normalidade da homossexualidade, com efeitos que vão além do cuidado psicológico. Ao retirar o tabu da homossexualidade do centro da construção subjetiva, a resolução coloca em causa o sistema de sexo-gênero que, no caso brasileiro, tão enfaticamente opera oprimindo quem configura feminilidade – independentemente de sexos de nascimento e de orientações sexuais.

Referências

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E POS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (ANPEPP). Nota de repúdio, 2017. Disponível em <https://goo.gl/eQbby8>. Acessado em 20 out. 2017.
- BERLANT, L, WARNER, M. Sex in Public. *Critical Inquiry*, v. 24, n. 2, p. 547-566, 1998.
- BLANCHET, A., GOTMAN, A. *L'enquête et les méthodes: l'entretien*. Paris: Armand Colin, 1992.
- BRASIL. *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília. Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Combate à Discriminação, 2004.
- BRASIL. *Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- CFP (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA). *RESOLUÇÃO CFP Nº 001/99*, 1999. Disponível em <https://goo.gl/Hbrk5Z>. Acessado em 20 out. 2017.
- DRESCHER, J. Can Sexual Orientation Be Changed? *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, v. 19, n. 1, p. 84-93, 2015.
- ELIAS, N e SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FRY, P. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- GOFFMAN, E. (1980). *Estigma*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). *IBGE Cidades*, 2016. Disponível em < <https://goo.gl/bVskCn>>. Acesso em 22 jun. 2017.
- JACOBY, A. Felt versus enacted stigma: A concept revisited. *Social Science & Medicine*, v. 38, n. 2, p. 269-274, 1994.
- JORM, A. et al. Sexual orientation and mental health: results from a community survey of young and middle-aged adults. *The British Journal of Psychiatry*, v. 180, n. 5, p. 423-427, 2002.
- LANCASTER, R. (1999). "That we should all turn queer?": homosexual stigma in the making of manhood and the breaking of a revolution in Nicaragua. In: PARKER, R., AGGLETON, P. (Org.) *Culture, society and sexuality: a reader*. London: UCL, 1999, p. 97-115.
- MISKOLCI, R. Comentário. *Cadernos pagu* n. 28. 2007:55-63.
- PAIVA, V. Cenas da Vida Cotidiana: Metodologia para Compreender e Reduzir a Vulnerabilidade na Perspectiva dos Direitos Humanos. In: PAIVA, V, AYRES, J, BUCHALLA, C. *Vulnerabilidade e Direitos Humanos - Prevenção e promoção da saúde - Da doença à cidadania*. Curitiba: Juruá Editora, 2012, p. 165-208.

PAIVA, V., ZUCCHI, E. Estigma, discriminação e saúde: Aprendizado de conceitos e práticas no contexto da epidemia de HIV/Aids. In: PAIVA, V, AYRES, J, BUCHALLA, C. *Vulnerabilidade e Direitos Humanos - Prevenção e promoção da saúde - Da doença à cidadania*. Curitiba: Juruá Editora, 2012, p. 111-143.

PARKER, R. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo, Best Seller, 1991.

PARKER, R., AGGLETON, P. HIV and AIDS-related stigma and discrimination: A conceptual framework and implications for action. *Social Science and Medicine*, v. 57, p. 13-24, 2003.

PERUCCHI, J., BRANDÃO, B., VIEIRA, H. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estud. psicol. (Natal)*, v. 19, n. 1, p.67-76, 2014.

RIOS, L. et al. Posições sexuais, estilos corporais e risco para o HIV entre homens que fazem sexo com homens no Recife (Brasil). *Cienc Saúde Colet*, 2017. Disponível em <<https://goo.gl/rqVLq7>>. Acessado em 22 jun. 2017.

RUBIN, G. The traffic in women: Notes on the political economy of sex. In: Reiter, R. (Org.) *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review, 1975, p. 157-210.

RUBIN, G. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: Nardi, P.; Schneider, N. (org.), *Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies: A Reader*. Londres, Routledge, p. 100-132, 1998.

SEDGWICK, E. A epistemologia do armário. *Cad. Pagu*, n. 28, p. 19-54, 2007.

SEFFNER, F. *Sigam-me os bons*: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. *Educ. Pesqui.*, v. 39, n. 1, p.145-159, 2013.

SIQUEIRA, M. et al. Homofobia e violência moral no trabalho no Distrito Federal. *Organ. Soc.*, v.16, n.50, p.447-461, 2009.

SJDF (SEÇÃO JUDICIÁRIA DO DISTRITO FEDERAL). Ata de audiência em 15/09/2017. Autos da Ação Popular nº 1011189-79.2017.4.01.3400. 2017. Disponível em <https://goo.gl/vhBk5H>. Acessado em 20 out. 2017.

SOLIVA, T., SILVA JUNIOR, J. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sex., Salud Soc.*, n. 17, p.124-148, 2014.

SUSAN. D et al. Prevalence of Mental Disorders, Psychological Distress, and Mental Health Services Use Among Lesbian, Gay, and Bisexual Adults in the United States. *J Consult Clin Psychol.*, v. 71, n. 1, p. 53-61, 2003.

TEIXEIRA-FILHO, F., RONDINI, C. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saude soc.*, v. 21, n. 3, p. 651-667, 2012.

VALENTE, T. *Social networks and health: Models, methods, and applications*. Oxford: University Press, 2010.

WARNER, M. Introduction: Fear of a Queer Planet. *Social Text*, no. 29, p. 3-17, 1991.

APA (AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION, TASK FORCE ON APPROPRIATE THERAPEUTIC RESPONSES TO SEXUAL ORIENTATION). *Report of the American Psychological Association, Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation*. Washington: APA, 2009. Disponível em < <https://goo.gl/jqcYMg>>. Acessado em 20 out. 2017.

*Psicólogo e Doutor em Saúde Coletiva, Professor Associado III do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Pós-doutorando do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (2017), Bolsista de Produtividade em Pesquisa/CNPq. Endereço: Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, Av. da Arquitetura s/n, 7º Andar, Cidade Universitária, Recife – PE, CEP: 50740-550. Fone: (81) 2126 8271. E-mail: lfelipe.rios@gmail.com.

**Psicóloga e Doutora em Psicologia, Professora Titular do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Bolsista de Produtividade em Pesquisa/CNPq. Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco A, Salas 103/105, CEP: 05508-030. Fone: (11) 3091 4184. E-mail: veroca@usp.br

***Doutora em Saúde Pública, Professora Adjunta do Departamento de Epidemiologia e Bioestatística do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal Fluminense. Endereço: Rua Marquês do Paraná, 303, 3º andar, Prédio Anexo ao HUAP, Centro, Niterói – RJ, CEP: 24030-210. Fone: (21) 262 9351. E-mail: sandrabrignol@gmail.com.

****Psicólogo, Ex-bolsista de iniciação científica do programa institucional de bolsas UFPE/CNPq, Pesquisador associado ao Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana do Departamento de Psicologia da UFPE. Endereço: Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, Av. da Arquitetura s/n, 7º Andar, Cidade Universitária, Recife – PE, CEP: 50740-550. Fone: (81) 2126 8271. E-mail: junioralbuquerque.dj@gmail.com.

*****Graduando em Ciências Sociais, Bolsista de iniciação científica do programa institucional de bolsas da Fundação de Amparo à Pesquisa de Pernambuco (FACEPE), Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco. Endereço: Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, Av. da Arquitetura s/n, 7º Andar, Cidade Universitária, Recife – PE, CEP: 50740-550. Fone: (81) 2126 8271. E-mail: matheusluiz321@gmail.com

Recebido em 10/12/2017

Aprovado em 10/01/2018